

## Antes que elas calem seu canto

Publicação: Gazeta Mercantil (Brasil)

Data: 08/02/2008 04:29:49 - [ 671 Palavras ]

Idioma: Português-Brasil

São Paulo, 8 de Fevereiro de 2008 - O resgate e o registro dos versos cantados pelas trabalhadoras rurais, normalmente da agricultura familiar, foram os principais objetivos da pesquisadora e cantora Renata Mattar ao gravar o CD "Cantos de Trabalho", do grupo Cia. Cabelo de Maria, liderado e formado por ela em 2006 para a execução desse trabalho, com participações da cantora Ceumar e de um grupo de Destaladeiras de Fumo de Arapiraca, lançado pelo selo Sesc São Paulo.

Renata percorreu vinte comunidades espalhadas pelo Brasil, por mais de dez anos, buscando as que ainda trabalhassem em mutirão e tivessem o costume de cantar durante a lida. Participou de rituais, festas, e aprendeu as cantigas reunidas no CD, (à venda somente pelo site do Sesc <http://www.sesc.com.br/> ou pes em qualquer unidade da instituição. "Percebi que essas manifestações estavam perto de desaparecer. Na grande maioria das comunidades, após a chegada do rádio e da TV, que levaram os trabalhadores a desenvolver os serviços em suas casas, e também da tecnologia, que mudou a forma de eles executarem, já não se faz mais esse trabalho cantado em mutirão. As pessoas que ainda lembram das cantigas já estão velhas, por isso a urgência em registrar isso antes que suma completamente", diz a pesquisadora.

Em Arapiraca, Alagoas, Renata conheceu Nelson Rosa, "coordenador de grupos de canto, patrimônio vivo histórico e cultural do estado e poeta popular", segundo o próprio. Aos 74 anos, ele é um preservador das tradições: "Vivencio os cantos desde os cinco anos de idade quando já era trabalhador rural. Vi as canções sendo esquecidas logo que chegou a energia elétrica, aí escrevi várias delas e guardei. Os jovens podem não ter vivido essa cultura, mas devem conhecer e saber que isso faz parte da história da vida deles", diz. "Não quero dizer que nossos representantes não são capacitados, mas há falta de interesse por parte deles em resgatar essas culturas mais antigas. Há muita cultura desperdiçada e, às vezes, desanimo e penso em parar. Quando Renata me ligou dizendo que iria realizar o sonho de levar as destaladeiras para São Paulo, vi luz no fim do túnel".

A comunidade de Vila Fernandez, das destaladeiras de fumo lideradas por Nelson Rosa foi a primeira que Renata visitou. Ali ela pôde finalmente ouvir as mulheres cantando enquanto trabalhavam, algo que ela nunca conseguira ver antes.

O disco reúne vinte cantigas de mutirões de roça trazidas não somente das destaladeiras de fude Arapiraca, mas das descascadeiras de mandioca de Porto Real do Colégio (AL), das plantadeiras de arroz de Propriá (SE), da farinha da comunidade de Barrocas (BA), da colheita de cacau de Xique-Xique (BA), da bata do feijão de Serrinha (BA) e das fiandeiras de algodão do Vale do Jequitinhonha (MG). As letras falam da lida com a agricultura, do amor, da saudade e até do sofrimento. Algumas são engraçadas, outras dançantes, e ainda há as que embalam como cantigas de roda ou ninar. São versos e melodias curtas repetidas diversas vezes, o que facilita a fixação na memória e faz muita gente sair cantando logo na primeira audição.

As vozes são apoiadas por instrumentos de formato acústico como violão, viola caipira e violino, variando estilos e ritmos regionais: "Esse formato foi uma escolha do meu marido, Gustavo Finkler, que como ela faz parte da Cia. Cabelo de Maria e foi o arranjador do disco. Ele considerou essa sonoridade acústica mais adequada para o que estávamos esperando, que era chegar bem próximo àquela realidade. A percussão também é feita com instrumentos convencionais e objetos utilizados na lida", conta Renata. Outra escolha certa e unânime, por ter tudo a ver com o trabalho, foi na participação da cantora Ceumar: "Sou fã da cantora, ela possui a simplicidade que queríamos, e canta com muita verdade e emoção. Não conseguimos pensar em outra pessoa", conclui a pesquisadora que já está engajada num provável novo trabalho sobre o Baianar, manifestação que só existe em Alagoas e não está ligada aos cantos de trabalho.

(Gazeta Mercantil/Fim de Semana - Pág. 5)(Daniella Turano)